



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

CARMÓPOLIS, MG, 4 DE JULHO DE 1997

Senhor Governador de Minas, Eduardo Azeredo; Senhor Ministro dos Transportes, Eliseu Padilha; Senhores Ministros de Estado; Senhores Senadores Francelino Pereira e Regina Assunção; Deputados Federais, Estaduais; nossa querida Prefeita de Carmópolis, Maria do Carmo Rabelo Lara; Senhores prefeitos; Senhoras e senhores,

Hoje é um dia de grande alegria para o Presidente da República. Eu pude, há poucos instantes, lá em Curvelo, sentir de perto a emoção do povo mineiro, emoção não pela presença do Presidente, mas emoção porque está se sentindo que o Brasil hoje é um Brasil autoconfiante, um Brasil que tem rumo, um Brasil que acredita, um Brasil que começa a realizar.

Agora, aqui, outra vez – já o disse o Governador Eduardo, já o disse o Ministro Padilha –, sentimos este Brasil que está caminhando num rumo firme, com todas as dificuldades. São muitas ainda. Mas não convém recordar dificuldades, porque só atrapalha. Convém recordar é a decisão, a determinação que nós temos de superá-las. E nós vamos superando, uma a uma, as dificuldades.

A verdade é que, hoje, o Brasil já não só espera que a moeda seja estável. Agora é estável, continuará estável. Enquanto eu for Presidente, essa política do Real não muda. Não muda. Mas a política do Real, do Plano Real não veio apenas para estabilizar a moeda e para acalmar os mercados e controlar a inflação. É muito mais do que isso. É preciso reconstruir o Brasil, que foi, até certo ponto, dificultoso no seu caminho, pelo processo inflacionário que, durante décadas, arruinava os nossos planos.

Hoje, não. Hoje, o Brasil tem não só planos, mas tem sonhos. É capaz de imaginar um Brasil melhor. E Brasil melhor vai ser aquele que nós vamos construir juntos, não apenas fazendo as estradas, que são importantes, mas fazendo muito mais do que isso. Tenho certeza de que a Prefeita concorda comigo. É ter melhor assistência a professores e à escola, é ter uma classe melhor para o aluno, é fazendo com que haja emprego, é dando confiança ao homem do campo, é criando condições de vida para uma vida decente, que é o que o povo brasileiro quer.

Nosso povo não deseja, simplesmente, a grandeza das obras monumentais. Ele as quer, sim, não monumentais, mas eficientes, como essa estrada, porque o Brasil sente que, com isso, vai chegando mais perto daquilo que é, realmente, o nosso objetivo: uma nação melhor, uma sociedade melhor, uma sociedade nova, que é o que nós temos que construir juntos. E vamos construir juntos.

Isso se vê, hoje, em toda a parte. Eu ando por esse Brasil todo e ando — é bom que repita — desde o início do Governo. Rara foi a semana em que não deixei Brasília para sentir o pulso deste país e para buscar novas energias para que eu pudesse voltar com mais ânimo e pedir, outra vez, ao Congresso mais reformas. E o Congresso está correspondendo ao nosso pedido. E vamos pedir, de novo, aqui, mais reformas na semana que vem, para que nós possamos ter um horizonte mais tranquilo na construção deste país.

Mas eu ando pelo Brasil todo e sinto que, se aqui hoje duplicamos a Fernão Dias, se aqui hoje — como disse o Ministro Padilha e repetiu o Governador Eduardo Azeredo — nós estamos fazendo a maior obra

viária em andamento não só no Brasil, mas no mundo, é porque nós estamos também cuidando das ferrovias.

E, nesta manhã, em Curvelo, simbolicamente, ao lado do Deputado Eliseu Resende e de todos os demais Deputados – e eu os saúdo a todos os que me estão acompanhando, a começar pelo Líder do meu partido, Aécio Neves, e a todos os Deputados aqui, também, na fraternidade com que tratam o Aécio – o que é que nós sentimos, Senador Francelino? Nós sentimos o renascimento da ferrovia no Brasil, não por Curvelo, mas pelo simbolismo de que, lá, hoje, é um pequeno ramal de uma grande malha ferroviária e que essa grande malha ferroviária, a Centro-Atlântica – que, no passado, tinha dificuldades –, neste ano começou a dar lucro.

Fizemos, pelo sistema de concessão, uma transformação total no sistema ferroviário do Brasil. Total. Daqui a poucos dias, no dia 18 deste mês, do último trecho que ainda falta passar por este processo, que vai permitir crescer, mais ainda, que é da estrada de ferro Transnordestina, nós vamos realizar, também, a licitação. E, a partir daí, haverá mais investimentos, melhores condições de transportes, preço mais baixo para transportar mercadorias e pessoas.

Estamos fazendo isso pelas ferrovias, mas sem nos esquecermos daquilo que foi o grande esquecido do Brasil: o nosso sistema de rios. É inacreditável que um país tão rico em água, com tanta possibilidade de navegação fluvial, com tanta possibilidade de irrigação, perca, muitas vezes, o elã que leva a essas transformações. Pois eu tive a satisfação, há poucos meses, de ir, primeiro, ao Amazonas, a Itacoatiara e, depois, a Rondônia, Porto Velho, ver que hoje se vai pelo rio Madeira e pelo rio Amazonas, de Porto Velho a Itacoatiara, levando soja, levando gente, transportando riquezas do Brasil e barateando os custos de produção, para os nossos produtos competirem nos Estados Unidos e na Europa. E nós podemos afirmar, mais uma vez, que este país tem futuro garantido.

Está feita a ligação. Hoje, será por satélite que vão trafegar os navios e os barcos, e nossos rios poderão, portanto, ser navegados durante a noite.

Aqui perto – mais perto, é verdade, de Curvelo –, no rio São Francisco, nós também estamos fazendo. Daqui a pouco, pela Estrada de Ferro Unaí-Pirapora, que será feita, vamos ligar o Centro-Oeste ao porto de

Vitória. E nós vamos, também, permitir, que haja mais transporte, e melhor, de mercadorias, que vão subir o rio São Francisco. E, quando chegarem lá em cima, depois de transporem o Açude Sobradinho, vão encontrar, mais adiante, do lado de Petrolina, com a Transnordestina, porque é um trecho que vai de Salgueiro a Petrolina e será licitado, também, junto com a Transnordestina.

Esse é o novo Brasil. É o Brasil que aceita o desafio lá fora, da globalização, mas que sabe que globalização não pode significar desnacionalização. Tem que significar reforço do Brasil. E esse reforço só se faz integrando as várias partes e acabando com a desigualdade regional e com que se multiplique a oportunidade de trabalho, de emprego, de criatividade, no Brasil todo, e não concentrada em poucos pontos.

E, como assinalei ainda recentemente, orgulho-me de poder dizer, como oriundo de São Paulo, que, se no início do meu governo nós tínhamos fábricas de automóveis em São Paulo e em Minas apenas, hoje nós temos mais fábricas em Minas, mais fábricas em São Paulo e mais fábricas no Paraná, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, em Goiás, na Bahia, no interior do Ceará e por aí em diante.

Estamos descentralizando a riqueza, porque é assim que se vai para frente, é assim que se progride. E cada vez que venho aqui, a este estado – que é um verdadeiro termômetro, onde pulsa o sentimento nacional, porque é aqui que pulsa a brasilidade –, para sentir de perto esse calor humano, eu vejo que as coisas avançam, e avançam mais e mais.

O Governador disse muito bem: Minas se orgulha de estar com a sua educação, sobretudo no plano primário, que é o básico para o Brasil, avançando numa velocidade maior, como jamais houve no Brasil.

Estamos, sim, aqui, humildemente, como é do nosso jeito brasileiro, dando as mãos uns aos outros, de todos os partidos, porque o nosso grande partido é um só, chama-se Brasil. E esse partido brasileiro, que é o nosso, está hoje sendo capaz de planejar, de construir.

Eu queria, por isso mesmo, minhas amigas, meus amigos – eu me desculpo com a Prefeita, que devia dar uma palavra a vocês, mas eu falo por ela – agradecer a esse povo bom de Carmópolis ter vindo aqui. E quero dizer a vocês, de Carmópolis, que, se eu vim aqui para fazer mais

uns 15 quilômetros de estrada, é por uma só razão, como já disse o Governador: para dar o sentido de continuidade.

Essa estrada começou quando era Presidente o Itamar Franco. E, quando eu era Ministro da Fazenda, o então Governador Hélio Garcia me foi ver e me disse: “Ministro, se for possível fazer o que está aí, com o BID, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, fazendo o empréstimo e o Tesouro Nacional dando o aval, Minas não quer mais nada, porque não precisa.”

Hoje, Governador Azeredo, Vossa Excelência continua essa obra. Eu sei que Minas precisa de mais. E o que eu puder dar de mais a Minas darei com a maior alegria. Não só por Minas: pelo Brasil. Porque o Brasil e Minas são uma e a mesma coisa. E esse é o nosso sentimento, um grande sentimento de brasilidade.